

saúde

## Novos códigos de barras poupam até 791 milhões na Saúde

Estudo de Augusto Mateus é apresentado esta semana. Ministério pretende avançar já este ano com projetos-piloto

Texto: Ana Rita Guerra



Paulo Macedo vai testar nova tecnologia na Santa Maria. FOTO: GLOBAL IMAGENS

A adoção da nova tecnologia de códigos de barra tridimensionais DataMatrix e de standards globais para o sector da Saúde vai começar a ser testada durante os próximos meses em Portugal. O centro hospitalar norte de Lisboa, que inclui o hospital de Santa Maria, deverá ser o primeiro a avançar, depois de apresentadas as conclusões de um estudo liderado por Augusto Mateus e que dão conta de poupanças entre os 561 e os 791 milhões de euros.

“O Infarmed participou no estudo. Penso que as recomendações contidas no estudo devem ser acolhidas e na medida do possível implementadas”, adiantou ao Dinheiro Vivo o secretário de Estado da Saúde, Manuel Teixeira. Esta semana, o governante reuniu-se com responsáveis da GSI, a organização sem fins lucrativos que gere estes standards e comissionou o estudo, e o professor Augusto Mateus. O secretário de Estado diz que se trata de “um estudo relevante, demonstrando o potencial de ganhos de eficiência para o sistema de saúde das práticas de codificação utilizando as melhores práticas internacionais”.

Das poupanças a dez anos previstas no estudo, que será apresentado na Ordem dos Médicos esta quinta-feira, 205 milhões de euros referem-se a reduções nos hospitais e 129 milhões de euros nas farmácias. São estes os principais sectores beneficiados, diz ao Dinheiro Vivo Augusto Mateus, professor, ex-ministro e presidente da consultora Augusto Mateus e Associados, que executou o estudo durante quase dois anos. Mas este nem sequer foi o foco do trabalho “Impactos da ado-

ção de standards globais na cadeia de valor da saúde em Portugal”.

“A codificação, em primeiro lugar, acerta em cheio nas matérias de saúde, independentemente de problemas económicos”, diz o professor. A diferença é que os códigos DataMatrix podem conter até 3 mil caracteres e a sua captura é automática. Ou seja: uma unidade no hospital com um código destes nunca irá parar ao doente errado. Um leitor nunca terá dificuldade em ler o código, algo que acontece nos códigos de barras – que, para mais, contêm um número muito limitado de informações. A ideia, na Saúde, é implementar a adoção de standards em todas as áreas, desde a indústria farmacêutica aos medicamentos nas farmácias, pulseiras de doentes e dispositivos médicos.

“Um erro de medicação, com a captura automática, reduz-se quase 50%. A cegueira de Santa Maria não teria ocorrido se tivesse havido uma captura automática”, sublinha João de Castro Guimarães, presidente executivo da GSI Portugal. “A DataMatrix é uma tecnologia nova e tem os seus custos, que se estão a reduzir cada vez mais”, explica ainda. “Mas o benefício suplanta entre 6 e 26 vezes o custo. São investimentos relativamente pequenos.”

O estudo de Augusto Mateus e Associados detalha estes custos em vários exemplos-tipo. Uma farmácia com uma faturação de um milhão de euros, 7 trabalhadores e 21 500 receitas aviadas, terá de investir 1650 euros – 750 euros em equipamento e 900 euros em software. O retorno é de 1700 a 5200 euros no resultado recorrente,

e a 10 anos o benefício pode chegar a 28 vezes o custo.

No caso de uma unidade de prestação de cuidados de saúde com 450 camas, 30 mil utentes, volume de negócios de 130 milhões de euros e dois mil trabalhadores, o investimento necessário é de 98 a 155 mil euros, dependendo de ter serialização ou não. O impacto no resultado recorrente é de 164 a 430 mil euros e atinge os 1,7 a 5 milhões de euros a dez anos. O estudo também cria cenários para a indústria farmacêutica e para fabricantes de dispositivos médicos, chegando ao valor total de 791 milhões de euros de poupanças (com serialização) a dez anos – um número que Augusto Mateus alerta ser conservador.

Os projetos devem avançar na segunda metade de 2014, estando já em definição também um piloto no hospital da CUF. “Quando chegam unidades industriais de medicamentos ou dispositivos médicos a um hospital, há toda uma logística interna de dividir os medicamentos em unidades mais pequenas, que acabam na cabeceira do doente”, diz o presidente da GSI. Esta estandarização reduz consideravelmente os erros e aumenta a eficiência. Foi adotada pela FDA nos Estados Unidos em 2013 por isso mesmo. As empresas portuguesas do sector que exportam – por exemplo, a Bial – já usam estes standards.

**PONTO FINAL** O Infarmed estará envolvido nos projetos-piloto este ano, podendo uma política coordenada avançar em 2015.